



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
ÀS ABADESSAS CISTERCIENSES REUNIDAS
PARA A SUA II ASSEMBLEIA**

25 de Setembro de 1998

*Queridas Irmãs Abadessas
da Ordem Cisterciense!*

1. Sinto particular alegria em me dirigir a vós neste dia, por ocasião da vossa segunda assembleia, com a qual se conclui uma etapa fundamental do caminho percorrido pela Ordem Cisterciense, ao tornar o ramo feminino plenamente partícipe nas estruturas de responsabilidade e de comunhão da própria Ordem.

Na carta enviada ao Abade-Geral, Rev.do Pe. Mauro Esteva, por ocasião do último Capítulo Geral, eu fazia votos por que as vossas decisões valorizassem o contributo das Monjas na realização da missão dos Cistercienses na Igreja e no mundo (cf. *L'Osserv. Rom.*, ed. port. de 16 de Setembro de 1995, pág. 25). Alegro-me ao constatar que esse objectivo felizmente se realizou.

Foi um caminho prudente, precedido por uma profunda reflexão e confortado também pelas palavras que escrevi na Carta Apostólica sobre a dignidade e vocação da mulher, publicada por ocasião do Ano Mariano de 1998. De facto, fiz notar naquele documento que «a dignidade da mulher e a sua vocação - objecto constante de reflexão humana e cristã - têm assumido, em anos recentes, um relevo todo especial» (*Mulieris dignitatem*, 1).

2. Desde há algum tempo a vossa Ordem empreendeu um itinerário orientado para delinear melhor as características da própria fisionomia e identidade jurídica, também mediante a participação das Monjas nas suas estruturas de responsabilidade e de comunhão. Inseriu-se neste caminho também a delicada questão da cooperação das Monjas no exercício do poder de governo no âmbito da própria Ordem.

Este percurso baseava as suas motivações na «*accomodata renovatio*» da vida religiosa, querida pelo Concílio Vaticano II no decreto *Perfectae caritatis* (cf. n. 1). Apesar de considerar a renovação e a adaptação das estruturas como dois aspectos inseparáveis da mesma realidade, a Ordem Cisterciense atribuiu à renovação uma primazia e uma função inspiradora e directiva da adaptação, preocupando-se de que fosse sempre animada por uma real renovação espiritual.

O empenho de retorno às origens, solicitado pelo Concílio Vaticano II (cf. *Ibid.*, n. 2), sustentou a vossa Ordem no aprofundamento da própria identidade, levando-a a uma sincera conversão do coração e da mente. Este exame minucioso permitiu-vos sucessivamente encontrar soluções novas, capazes de exprimir de maneira mais adequada a presença das Monjas no interior da vossa Ordem e a participação mais directa na sua vida e nas suas realidades.

3. O caminho percorrido insere-se neste sulco, encontrando o próprio fundamento na Declaração do Capítulo Geral da Ordem, realizado nos anos 1968-1969, sobre os elementos principais da vida cisterciense hodierna. A assembleia fraterna realizada naqueles anos afirmou que «as Monjas cistercienses não constituem uma "segunda Ordem" paralela à "primeira", a dos Monges, mas pertencem completamente à mesma Ordem Cisterciense (...) Portanto, não há dúvida que deve ser promovida, mesmo com prudência, mas constante e eficazmente, a participação das Monjas nas decisões que dizem respeito não só à sua vida, mas também à sua Congregação ou a toda a Ordem» (n. 78).

Este mesmo documento fundamental da vossa Família exprime de modo claro quais são as fontes da vossa vida: o Evangelho e o Magistério da Igreja, a tradição monástica, a Regra de São Bento, as tradições cistercienses, a participação activa na vida da Igreja e da sociedade, a acção e a inspiração do Espírito Santo (cf. nn. 3-10).

No cumprimento destas decisões, «com prudência, mas constantemente», a vossa Ordem deu os primeiros passos. No arco de trinta anos, graças também à colaboração da *Commissio pro monialibus* e ao serviço discreto mas eficaz da Cúria Geral, os Cistercienses promoveram «eficazmente» a participação do ramo feminino nas estruturas de responsabilidade e de comunhão.

4. Com a participação das Monjas no Conselho do Abade-Geral, no Sínodo da Ordem, no único Capítulo Geral, bem como em qualquer outra forma de colaboração e de serviço no âmbito da vossa Família, a dignidade da mulher e as manifestações do «génio feminino» encontram hoje na Ordem Cisterciense a possibilidade de serem reconhecidas e valorizadas e de produzirem frutos, para a glória de Deus e o comum benefício da Igreja e da humanidade, sobretudo no contexto hodierno.

Queridas Irmãs de clausura, com razão se pode aplicar a vós quanto afirmou o Concílio Vaticano II ao dirigir-se às mulheres: «Mas a hora vem, a hora chegou, em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire na sociedade uma influência, um alcance, um poder jamais conseguidos até aqui. É por isso que, neste momento em que a humanidade sofre uma tão profunda transformação, as mulheres impregnadas do espírito do Evangelho podem tanto para ajudar a humanidade a não decair» (*Mensagem às Mulheres*).

Enquanto a Ordem Cisterciense, juntamente com toda a Igreja, se prepara para cruzar o limiar do Terceiro Milénio, as oportunidades que hoje vos são reconhecidas e confiadas, queridas Irmãs, iniciam realmente uma nova era, na qual podeis desempenhar um papel de protagonistas da vida e da história da vossa Família religiosa, que neste ano celebra

o nono centenário da fundação do mosteiro de Cîteaux, no qual tem a sua origem.

Como os vossos Padres, os fundadores do *Novum Monasterium*, dos quais sois discípulas e herdeiras, também vós, queridas Irmãs, não receeis empreender este caminho de empenho e colaboração, a fim de viverdes em plenitude a vossa vocação. Continuai a procurar constante e unicamente a vontade de Deus, que vos chamou e colocou na escola do Seu serviço, a escola do amor.

Inspirai-vos nas fontes próprias da vossa Comunidade religiosa, deixando-vos guiar sempre pelo Espírito de Deus na realização da vossa participação nas estruturas de responsabilidade e de comunhão da Ordem.

5. Ao formular fervorosos votos por que o caminho percorrido na valorização da dignidade da mulher e do «génio feminino» prossiga com confiança segundo o espírito de Cristo, dirijo o meu pensamento à Bem-aventurada Virgem Maria. Ela é a Mulher por excelência, chamada pelo Pai a participar no Seu desígnio salvífico, cooperando de maneira muito singular na obra da redenção.

A Ela, ternamente celebrada por São Bernardo, confio-vos a vós aqui presentes, as vossas Irmãs e toda a Ordem Cisterciense, que é sua desde o princípio. Com estes sentimentos, concedo cordialmente a todos uma especial Bênção Apostólica.